



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARTES
LICENCIATURA EM DANÇA

EDNA DAYANE RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

**DANÇA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO AURORA ESTRELA**

RECIFE
2022

EDNA DAYANE RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

**DANÇA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
NO PROJETO AURORA ESTRELA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Orientador: Profº Esp. Diogo Lins de Lima

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Rodrigues de Albuquerque , Edna Dayane .

Dança com pessoas em situação de rua: relato de
experiência no projeto Aurora de estrela. / Edna Dayane

Rodrigues de Albuquerque . - Recife, 2022.

32 : il.

Orientador(a): Diogo Lins de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)

- Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e

Comunicação, Dança - Licenciatura, 2022.

1. População em situação de rua. 2. Dança. 3.
Aurora estrela. 4. Relações étnico raciais. I. Lins de Lima, Diogo.
(Orientação). II. Título.

EDNA DAYANE RODRIGUES DE ALBUQUERQUE

**DANÇA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
NO PROJETO AURORA ESTRELA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Recife, 16 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profº Esp. Diogo Lins de Lima - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profº Esp. Nathalia Roberta Salvador de Oliveira - Membro Externo
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profº Me. Jefferson Elias de Figueiredo - Membro Interno
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

LISTA DE FOTOS

| | | |
|-----------------|--|----|
| Foto 1 - | Quiosque <i>Aurora de Estrelas</i> | 16 |
| Foto 2 - | Ação no Ateliê | 18 |
| Foto 3 - | Ação no Ateliê - pintura | 19 |
| Foto 4 - | Participante em ação no projeto Aurora Estrela | 20 |
| Foto 5 - | Ação no Ateliê - participantes | 20 |
| Foto 6 - | Oficina de Dança | |

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

71 DANÇA COMO UM DIREITO FUNDAMENTAL

112 A IMPORTÂNCIA DA DANÇA

112.1 A População em Situação de Rua

122.2 Meu Olhar

143 AURORA DE ESTRELA

16

3.1 Escuta Sensível

203.2 Dança Que Tem Cor

23 CONSIDERAÇÕES FINAIS

28 REFERÊNCIAS

30

INTRODUÇÃO

A motivação deste memorial se deu a partir de um diálogo com uma amiga, sobre minha observação acerca do aumento de pessoas em situação de rua nos últimos tempos. Além disso, na universidade, a partir da aproximação com a disciplina de Relações Étnico-Raciais, me deparei com conceitos que me fizeram entender como a relação do Estado e a construção da desigualdade social brasileira comprovam as condições e permanência de vida desta população.

Com isso a disciplina de Relações Étnico-Raciais trouxe na sua ementa de ensino, debates sobre estudos raciais, racismos e diversidades, lutas sociais dos negros brasileiros, o debate das ações afirmativas, serviço social e questões étnico-raciais. Fazendo a discussão como a origem do racismo estrutural e suas múltiplas expressões ao longo da História, trazendo a compreensão sobre as questões na contemporaneidade, favorecendo o debate crítico sobre as desigualdades raciais e suas relações com a chamada "questão social" no Brasil.

Observando que a cultura vem mostrando seus princípios dentro da formação de pessoas através da arte, e até mesmo juntamente para a construção da sociedade, buscando entender o como podemos pensar a dança nesses corpos e sabendo que tudo vem através da base educacional e do acesso à cultura.

Nesse contexto, entrei em contato com o projeto Aurora Estrela, um projeto sem fins lucrativos que desenvolve trabalhos socioculturais com pessoas em situação de rua, na cidade do Recife. Juntamente com o projeto Aurora de Estrela, busco me aproximar desses corpos, que muitas vezes são marginalizados, vulneráveis e invisíveis; majoritariamente são constituídos de pessoas negras e LGBTQI+. No meu caso, por ser artista da dança e estar cursando a licenciatura em dança, o meu objetivo no projeto é desenvolver atividades educacionais através das artes, realizando oficina de dança, resgatando a autoestima e desenvolvendo diálogos, com a finalidade de superar a discriminação e o preconceito, fazendo com que eles tenham esperança de sair das ruas.

A escuta sensível é de extrema importância para construção desse memorial, com propósito de evidenciar histórias, relatos e trajetórias dessa população, trazendo diálogos pertinentes à conjuntura dessa escrita, através da oficina que foi mediada por

mim. Mostrando a importância da dança como direito fundamental para esse público alvo. Foi através da minha participação no projeto que venho falar sobre a percepção que tive junto ao Aurora em contato com essas pessoas que se encontram em situação de rua.

Neste trabalho, busquei me debruçar sobre o debate que envolve os benefícios da dança para as pessoas em situação de rua, trazendo suas histórias para argumentar sobre a sua necessidade e funcionalidade dentro das sociedades, bem como, a sua importância para os indivíduos. A dança é um meio de manifestação cultural, podendo ser utilizada como uma fonte de renda ou uma atividade de lazer, e aqui analisarei sobre a negação ou ausência do Estado na garantia dessa atividade como um direito base para as pessoas em situação de rua.

Escrevo também sobre os corpos desses indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade econômica, como a dança pode influenciar em suas vidas. Buscando um olhar problema e querendo solucioná-lo no decorrer da pesquisa venho me questionar: De que forma a cultura e as artes poderiam contribuir para a construção de uma forma de vida/corpo menos precarizada para as pessoas em situação de rua no projeto Aurora Estrela?

Entendendo que temos que ter consciência como profissional da dança e que lidamos com um público totalmente delicado, e dessa forma busquei trazer dados que mostrem como a dança pode mudar essa realidade e como um profissional atua no âmbito da dança. No site da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na aba do curso de Licenciatura em Dança no mostra exatamente isso: “O curso estimula o desenvolvimento de competências críticas, metodológicas e criativas nos alunos, para que estes possam atuar prioritariamente na educação básica, agindo como formadores no campo do ensino da dança.”¹

Tendo em vista que precisamos de uma forma educacional para ajudar essas pessoas a sair dessa situação que vos cerca. A constituição Federal de 1988 também diz que todas as pessoas devem ter o direito à cultura e a Lei Rouanet 8313/1991 vem reforçar. Como descrito no art. 1º :

¹ Texto de apresentação do Curso de Dança no site da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/danca-licenciatura-cac>> Acesso em: 29. Abr. 2022.

Proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional; V - salvaguardar a sobrevivência e o florescimento dos modos de criar, fazer e viver da sociedade brasileira; VI - preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio cultural e histórico brasileiro. (BRASIL, 1991, n.p)

Vi a necessidade de trabalhar a dança até para entender como a dança chega no corpo dessa população e como eles também deixam ela chegar no corpo deles. Portanto, o objetivo geral da minha pesquisa foi realizar uma análise da população em situação de rua no projeto Aurora Estrela, a partir da minha observação e da realização da oficina *Dança que tem Cor*. Com os seguintes os objetivos específicos:

- Incentivar ações educativas voltadas para arte.
- Realizar a oficina dança que tem cor.
- Resgatar a autoestima e a reorganização dos projetos de vida de cada sujeito que se encontra em situação de rua.
- Sensibilizar a sociedade pela utilização dos meios de comunicação juntamente com o aurora, com vistas à superação dos preconceitos, discriminação.
- Desenvolver diálogos que tratam de diferentes saberes e aspectos culturais dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa se baseou metodologicamente nos registros dentro do projeto Aurora Estrela, juntamente com as trocas que tivemos perante as atividades do projeto; além disso foi feita a reflexão em torno das observações da oficina de dança realizada por mim no dia 19 de abril de 2022. Trabalhei com práticas voltadas para a consciência corporal dos integrantes do projeto.

O Aurora Estrela vem desenvolvendo trabalhos socioculturais com pessoas em situação de rua, na cidade do Recife há alguns anos, e com minha chegada só fez somar com o projeto. Hoje se encontra no projeto pessoas de várias linguagens das artes, temos um educadores de teatro, fotografia, grafite, publicidade, psicologia e dança. Procurei entender o que cada um deles quer mostrar, com a finalidade de compreender de perto quais são os entraves estruturais e interpessoais de cada um.

O levantamento bibliográfico consistiu em artigos e monografias sobre arte, cidade e pessoas em situação de rua. Explorei alguns artigos científicos que em boa parte vem trazer o ensino da arte, dessa importância da cultura para esse público e o como a dança pode somar nessa caminhada. Também fiz pesquisa documental, a partir de sites do governo para me aprofundar sobre a cultura e suas influências, alguns sites de escolas que falam sobre o profissional da dança e resultados de como o ensino da dança é trabalhado. Através de toda a pesquisa e informações adquiridas, conseguimos alcançar o desenvolvimento deste memorial.

1 DANÇA COMO UM DIREITO FUNDAMENTAL

O estudo da Dança se deu na época da pré-história, em que a dança está ligada à cultura na humanidade. A cultura surge por volta de 100 mil anos a 40 mil anos atrás. Com ela surgem as pinturas que representam as figuras dos homens dançando. Faro (1998, p. 13) vem afirmar que “Há quem distinga nas figuras gravadas nas cavernas de Lascaux, pelo homem pré-histórico, figuras dançando”.

Se pesquisarmos “pré-história” no *youtube* como está descrito no link da bibliografia, vamos ver que no vídeo é perceptível vemos a dança ligada à caça, alimentação, a vida, a morte, ou seja, ligamentos com a religiosidade que por sua vez é um costume do nosso povo a essa época (FARO, 1998). Portanto, é provável que a dança tenha sido mostrada antes desse período, porém sem nenhuma evidência.

As diferentes formas da dança foram evoluindo enquanto a sociedade evolui. A dança no início era mostrada como uma comunicação de acasalamento, interação de grupos, relações, rituais, etc. O autor vem destacar que ainda assim a dança era parte viva e funcional das comunidades, sendo a primeira arte conhecida como uma ferramenta de interação dos seus adeptos com o ambiente em que estavam inseridos (AMARAL, 2009).

Hoje, ainda sabemos que a dança é uma grande mistura de culturas, ritmos e costumes. A maneira que os povos indígenas e africanos se movem é totalmente diferente do que os europeus conhecem. Os africanos escravizados dançavam para honrar seus orixás e a forma que eles dançavam não era bem vista, como o frevo que surgiu através dos capoeiras, o maxixe e a umbigada. Danças essas que surgiram através de negros(a) e que por sua vez já era marginalizados na época.

2 A IMPORTÂNCIA DA DANÇA

A cada dia a dança vem mostrando seus princípios dentro da formação de pessoas, através da arte, e para a construção da sociedade. Pois segundo Shimizu (2004, n.p) “A dança é a arte em movimento.” Buscando entender como podemos pensar a dança como peça fundamental e tendo ciência que tudo vem através da base educacional. É importante a compreensão ao que aqui falo, trago um trecho do artigo *Dança como possibilidade de educação para Direitos Humanos* que diz:

A dança tem o poder de incorporar questões sociais, políticas, estéticas e afetivas, os movimentos em dança formulam impressões, concebem e representam experiências, projetam valores, sentidos e significados, revelam ainda os sentimentos, sensações e emoções. Vale aqui mencionar a dança moderna que no início do século XX, privilegiava a emoção, a intuição, o inconsciente e visava a expressão direta da emoção, à descarga de sentimentos (DÉA *et al.* , 2021, p.46)

Santos (1996) vem nos falar que a cultura é uma abrangência de fatores sociais na vida da sociedade; é como uma espécie de coletivo na vida do ser humano. A cultura vem se referindo a realidades socioculturais totalmente diversas, falando sobre as maneiras de percepção e organização da vida como social e os aspectos de matéria. Assim como também nos fala que a cultura está ligada à mudança que o povo vem a passar, sabendo que ela faz parte da nossa história e do nosso desenvolvimento científico quanto às relações internacionais e das unidades políticas.

Nosso país encontra-se numa situação de ausência cultural, e o ser que não passa por essas experiências culturais torna-se um ser limitado que chega a se tornar uma pessoa ignorante, pois ela pode vir a ter dificuldade em hábitos de convívio social. Como o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Artes, que está especificado nas referências nos mostra a importância e objetivos da arte, apresentando a dança como uma ferramenta de ensino e aprendizagem muito importante.

Portanto, a cultura se torna peça principal para vida da sociedade, nos mostrando que a dança é utilizada como instrumento cultural na mudança da sociedade. Ela vem mostrar um crescimento de dignidade ao ser humano, buscando peças que levam o sujeito a ser mais tolerante, sensível, criativo e sem preconceitos.

2.1 A População em Situação de Rua

Considera-se, portanto, o grupo que se encontra em situação de rua, aquele que o vínculo familiar foi suspenso ou cessado, e com a falta de uma moradia legal, que venha a estar sobre locais públicos e áreas corrompidas para sua moradia.

O CNDH (Conselho Nacional De Direitos Humanos), no exercício das atribuições previstas no art. 4º da Lei nº 12.986, de 02 de junho de 2014, e dando cumprimento à deliberação tomada, de forma unânime, em sua 9ª Reunião Extraordinária, realizada em 13 de outubro de 2020, dispõe sobre “[...] sobre as diretrizes para promoção, proteção e defesa dos direitos humanos das pessoas em situação de rua, de acordo com a Política Nacional para População em Situação de Rua.” (BRASIL, 2014, n.p)

Além disso vem destacar que no Decreto nº 7.053/2009, nos mostra que esse público tem direito por lei, ao respeito à dignidade da pessoa humana; direito à convivência familiar e comunitária; valorização e respeito à vida e à cidadania; atendimento humanizado e universalizado; respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (BRASIL, 2009, n.p).

Entendendo também que são corpos que vivem driblando as dificuldades do dia a dia, recorri ao texto *Arte, corpo, cidade: sobre elefante e pessoas em situação de rua*, que diz: “vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas”. (SANTOS, N. A. ZANELLA, A. V., 2021, p.6). E logo depois acrescentam:

Corpos “em situação de rua” remetem àqueles que são diariamente silenciados pelas variadas estratégias que as cidades adotam para expulsá-los, entendendo-os como corpos estranhos à sua adequada tessitura-movimento. Na tensão diária com o corpo da cidade, esses corpos, por vezes, são despídos de seu direito de ir e vir. (SANTOS; ZANELLA, 2021, p.6).

Portanto, considero que deve-se manter e movimentar as ações relacionadas à defesa dos direitos dessa população. Já é reconhecido no Brasil e em diversos países que a solução para uma diminuição significativa das violências geradas na rua, para garantir o direito fundamental, vai ser superar a situação de rua dando acesso à moradia à essa população.

2.2 Meu Olhar

Dessa forma, desenvolver uma escuta sensível é imprescindível para essa população, a fim de entender como mulher preta, sabendo que sou alvo direto dessas armadilhas do dia a dia, e sabendo que minha arma é o que eles mais temem e não podem tirar de mim, que é meu conhecimento. Buscando usá-la de maneira assertiva para somar nessa escrita, me aprofundando e entendendo como a arte e principalmente a dança chegam nesse público diretamente.

Para isso fiz pesquisas relacionadas à dança/arte e População em Situação de Rua, entretanto, a ausência de bibliografias e projetos é um grande desafio, visto que a literatura que trata desse tema é escassa. Vi a necessidade de me aproximar de algumas ongs (organizações não - governamentais) e projetos para ter um contato direto com essas pessoas.

Refleti sobre a realidade da população por meio de leitura e diálogos com amigos, sobre meus pensamentos e inquietações e fui em busca de que tema poderia se encaixar com dança e pessoas em situação de rua. Na verdade eu nunca me preendi ao tema, só sabia que queria correlacionar os dois assuntos. Mas ao mesmo tempo, o tema fala muito sobre minha própria influência, de como a comida no prato fala muito, principalmente o corpo com fome.

Já tive a infelicidade de não ter o que comer. Com isso me faço a pergunta de como essa população que está na rua e busca “sobreviver” como se comportam para não morrer de fome? como se “viram” perante tantas questões que lhes atravessam.

Porém tinha curiosidade de saber como esses corpos se movem no cotidiano, trazendo esse olhar crítico, e ao mesmo tempo percebendo como eles se movimentam pelas ruas. Me remetendo a uma parte do texto *Arte, corpo, cidade: sobre elefante e pessoas em situação de rua* que fala sobre uma peça e trás esse recorte sobre essa observação na rua, cidade e no corpo.

A experiência estética proporcionada pela peça, possibilitou-me olhar outros sobre minha própria relação com o mundo e minha pesquisa acadêmica sobre pessoas em situação de rua e sua complexa relação com a cidade. Convoco-me a responder de algum modo à minha vida e aos meus afazeres (SANTOS; ZANELLA, 2021, p.6).

Trazendo outro pensamento sobre esse público e entendendo essas diferenças o autor traz essa citação “Todavia, se, por um descuido, abrimos nossa janela e observamos, somos tomados pela diferença desses homens e mulheres, ‘a maioria negros [e pardos] que moram em lugar nenhum” (BATISPTA, 1999, p. 97).

Contudo, minhas experiências foram ferramentas de aprendizado interessantes. Porque quando você chega no fundo do poço, você fica lá e descobre como subir. E eu acredito que isso aconteceu comigo, como acontece com todos nós. E esse memorial é um jeito de assumir minha história de não varrer para baixo do tapete o que precisa ser explícito, de criar uma nova versão minha, porque ao criar uma versão nova, fica provado para todos que um dia me feriu direta e indiretamente que eu conseguir almejar um dos meus objetivos.

Precisamos escancarar o que significa ser um ser humano e mostrar toda sua feiura, beleza, contradição e complexidade. Dessa forma acho que é isso que me vira dia após dia, para saber lidar com meus traumas, sofrimento e tudo que me cerca. Minha terapeuta me fala: Encontre alguém que ame você. E nessa minha doação de tempo e da minha arte com essa população, vejo minha forma de demonstrar amor para eles. Sei que a felicidade é uma jornada, a vida é cheia de coisas ruins, mas quero sentir um pouco de paz e alegria na minha vida, com toda certeza.

3 AURORA DE ESTRELA

O Aurora de Estrela é um projeto sem fins lucrativos que realiza atividades artístico-educativas para pessoas em situação de rua. De acordo com o Boletim de desigualdades das metrópoles, Recife é a capital do país com renda mais baixa entre os 40% mais pobres (JC Online, 2022). Por trás desses dados, que representam

reflexos da crise econômica, política, social e sanitária, agravada em 2020 pelo contexto pandêmico causado pelo SARS - CoV - 2, há corpos que apenas se concentram em continuar sobrevivendo, pela ausência do mínimo para se manter vivo. E não é difícil de encontrar eles: estão em todas as zonas da capital pernambucana: debaixo dos viadutos, nas palafitas, praças e nas esquinas.

Foto 1 - Quiosque *Aurora de Estrelas*



Fonte: autoria própria

Buscando mudar de alguma forma esta realidade, através de Manoel Quitério - fundador e artista visual do projeto “Aurora de Estrela” - pude me aproximar e entender o que eles proporcionam para a PSR (Pessoas em Situação de Rua). Em diálogo com alguns voluntários do projeto, pude perceber um pouco da realidade de cada membro do grupo, que salientam que o projeto começou ali na praça Maciel Pinheiro no centro do Recife e logo depois foi para esse quiosque que aparece na foto que se encontrava na rua da Aurora.

O início se deu com oficinas de pintura e diálogos sobre o olhar deles diante a realidade que eles se encontravam, daí saiam pinturas de uma casa, um prato com comida, uma cama... E isso tudo é reflexo de uma realidade que eles querem ter e tem direito. E assim foi fluindo esses encontros que eram todas as terças-feiras e perdura até hoje. Na maioria das vezes o público era mais de mulheres e crianças, mas atualmente há muitos homens frequentando. Porém se viu a necessidade de um

lugar para fazer as atividades acontecerem, por mais que tivesse a praça, era muito aberto e precisavam de um lugar onde pudessem fazer outras atividades além de pintura. Pretendia-se dispor de cinema, momentos de troca e a alimentação deles.

À luz disso, Manoel deu início ao que se chamaria “Escola Invisível”. Localizada na rua da Aurora. Tratava-se de um quiosque abandonado e junto com amigos e pessoas que queriam mudar a realidade desse público, desenvolveram oficinas de pintura em tela, poesias, filmes, artesanato e grafite. Local esse de ensinamentos, de articulação política, de todo tipo de evento.

Fazer arte, no entanto, não era o único objetivo do projeto, mas também educação/empreendedorismo para quem vive nas ruas da localidade e tem a escola invisível como o único abrigo. A intenção é reintegrar alguns moradores que participam do Aurora, inseri-los no mercado de trabalho e também na sociedade, como já acontece. Nós, do projeto, acreditamos que a arte é uma ferramenta importante de integração social, não só no ambiente como estamos fazendo, mas na vida. O Aurora de Estrela foi anunciado em reportagens locais, e ficou muito visado, ganhando patrocínios como a Prefeitura da Cidade do Recife e Aliança Francesa. Com o projeto “colorindo recife” e “uma instalação artística na aliança”. Cinco dos vários que participaram das ações artísticas, estavam em situação de rua e hoje se encontram no mercado de trabalho, formados, espalhando arte pela cidade e isso tudo por conta do projeto.

O Projeto vinha realizando ações em escolas, comunidades da cidade do Recife, e fazendo a Escola Invisível ganhar visibilidade. Ao entrar em contato com a diversidade das ruas e do Aurora Estrela, é possível notar o potencial que essa população carrega consigo, seja em termos artísticos, culturais, ideológicos e históricos, para que se instalem frente ao cenário de ideias no meio social.

O apoio a essas ações que tenham a cultura como forma de inserção social e construção da cidadania, se faz importante, mostrando ações de conscientização que alterem a forma de perceber as pessoas em situação de rua e incentive a projetos culturais que tratem de temas pertinentes a esta realidade, sendo essenciais para a mudança acontecer.

Tudo aparentava estar dando certo, porém a prefeitura demoliu o espaço que acontecia todas as ações da Escola Invisível, com a desculpa que iria "restabelecer a rua da aurora", no caso o projeto para eles estava sujando a cidade. Assim voltaram a acontecer as ações na praça Maciel Pinheiro e no antigo Liceu de Artes e Ofícios, que é o espaço onde atualmente acontecem os encontros. Esses são alguns registros de quando iniciou as atividades no ateliê, fizemos esse mutirão para pintar o corredor que fica na sala do ateliê:

Figura 2 - Ação no Ateliê



Fonte: autoria própria

Figura 3 - Ação no Ateliê - pintura



Fonte: autoria própria

São nesses momentos que temos a escuta sensível buscando trazer essa partilha e ouvir o que eles têm a nós dizer também. Na verdade a escuta sensível está sendo feita em todo momento não tem um lugar definido, estamos sempre dialogando.

Figura 4 - Participante em ação no projeto Aurora Estrela



Fonte: autoria própria

Figura 5 - Ação no Ateliê - participantes



Fonte: autoria própria

Atualmente, o projeto encontra-se com 16 membros, sendo a maioria artistas visuais. Porém hoje, temos uma grande diversidade, pessoas que como eu, chegaram recentemente no projeto. Sobre a quantidade da população hoje, oscila muito, pois era mais fácil quando tinha a escola invisível, mas normalmente aparecem umas 10 pessoas, às vezes mais, porém nunca sabemos quanto de fato vão aparecer, ou até mesmo se querem participar quando os encontros são na praça ou no ateliê.

Portanto o projeto vem agregar valores culturais, sociais e educacionais para essa população e retratar que eles podem sair dessa realidade buscando o estudo das artes para sair dessa realidade.

3.1 Escuta Sensível

Ressaltamos a importância dessa escuta sensível realizada nesta pesquisa para a construção deste memorial, com o diálogo e escuta dessas pessoas que participam do projeto Aurora Estrela e se encontram em situação de rua. Sabendo que poderia estar expondo ainda mais essa população, quis prezar pelo anonimato e colocar números para identificar as falas deles.

As experiências acessadas a partir das escutas, foram essenciais para a fundamentação desta escrita. Cada partilha e histórias de vida contadas, muitas delas traumáticas, mas narrativas necessárias para abrimos mais discussões sobre o assunto. Cada história é muito importante e não poderia deixar de ser contada.

Ressalto a importância da existência das pessoas em situação de rua que vivem dentro de um regime político-violento que as forçam a performar uma corporeidade que anula a existência de sua própria singularidade no movimento.

Em um momento de partilha logo depois de uma oficina de pintura no projeto, o entrevistado número 1, de 28 anos que frequenta o projeto há 2 anos, vem nos questionar sobre o nosso olhar para com eles, sobre o nosso pensar sobre a situação que eles se encontram:

O que se passa na sua cabeça quando você dá comida a gente? Ele fez todos nós refletir sobre esse lugar, e tivemos resposta do tipo: Para ajudar, para matar a fome, pelo fato de vocês serem pessoas, pela sensibilidade. Quando chegou a minha vez, vendo a resposta de cada pessoa e tentando entender a situação, falei: É a forma de falar que eu estou lhe vendo, que te enxergo e que estou ali para te ajudar. E ele, afirma e completa; se todos pensassem assim o mundo seria melhor e a desigualdade seria menor. O que a gente passa na rua por morar nela é humilhante, nos tratam como bicho, aqui me sinto alguém, vocês me fazem sentir em casa, obrigado por não desistirem da gente.²

Chegamos nesse diálogo através da ausência de um oficinairo que faltou no dia, acabou que tomei a frente para fazer uns exercícios de consciência corporal, buscando trazer essa proximidade com seus corpos, fazendo eles terem estímulos, trabalhando a respiração, e sabendo que muitas das nossas movimentações vem do aproveitamento corporal, vem da memória afetiva: acessar o passado para se conscientizar de como seu corpo se encontra hoje. Como explica a Doutora em Ciência da Saúde e Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da UFPA Elren Passos (2021, p.3) "A consciência corporal é saber sentir e perceber o próprio corpo durante a execução de um determinado movimento ou da prática esportiva."

É necessário acolher as diversidades, respeitando suas singularidades, pois assim se valorizam a humanidade e a criatividade como componentes imprescindíveis para o desenvolvimento de questões formais e pessoais. E finalmente busquei ter essa troca, essa escuta sensível do outro, que por vezes é muito marginalizada, a grande maioria são corpos pretos principalmente quando se fala dessa população em situação de rua.

² As falas dos participantes e usuários do projeto Aurora Estrela serão recuados e no formato itálico.

A prova que temos sobre isso é entrevistado número 2, homem preto de 56 anos, que foi morador de rua por 6 anos e através do projeto saiu das ruas, hoje ele é artista visual e voluntário no Aurora e fala:

Perdi minha família, minha casa, meu trabalho. Tudo isso por um deslizamento e como eu era de outra cidade fiquei alguns dias sem ir trabalhar, fui demitido e não tinha para onde recorrer, parece que acontece tudo de uma vez. Meus primeiros dias na rua foram frios, achava que não iria passar muito tempo nessa situação, e quando vi que já tinha passado 1 ano, entrei para o mundo das drogas para não morrer, e digo mais “foi só ladeira abaixo, cheguei no fundo do poço” e quando se é preto é que você fica invisível mesmo! Busquei por muitas vezes emprego, mas nem no shopping deixavam eu entrar para entregar currículo, pois falavam para ir tomar banho, mesmo sabendo que eles não poderia me impedir de entrar no shopping, é muita injustiça e humilhação, já fui acordado aos chutes pela polícia, que seria quem deveria me proteger. Se fossem brancos iriam fazer o mesmo? Vim a conhecer o aurora de estrelas através de Manoel na rua mesmo e fui adentrando no mundo da pintura, participando das atividades e me aproximando do aurora, foi onde vi uma oportunidade de sair da rua e acreditar em mim novamente, hoje estou livre de drogas e tenho meu cantinho, onde pinto minhas telas e de onde tiro meu sustento, sou grato demais ao aurora e principalmente ao Manoel por acreditar em mim.

Me ocorre que temos a possibilidade de mudar essa realidade, que o intuito do projeto não é apenas levar arte, mas resgatar o olhar dessas pessoas para que elas tenham seu direito garantido, bem como oportunizar a inserção no mercado de trabalho, voltar a ter um lar e principalmente fazê-los acreditarem que tudo isso citado é um direito deles, mas que acaba sendo esquecido quando se encontra em situação de vulnerabilidade. Buscando resgatar tudo que lhes foi tirado com o tempo e nas circunstâncias, o entrevistado Número 3, vem nos falar:

A rua é perigosa, não podemos andar em qualquer lugar tem áreas que são de determinadas pessoas e caso a gente comece a frequentar a coisa fica feia, como já aconteceu. Tive uma discussão com um boy de outra praça e ele levou uma pedrada na cabeça, para parar de ser comédia, e não mexer nas minhas coisas, chamaram a polícia mas não deu em nada, socorreram ele e ficou por isso. Não inventem de chegar em qualquer lugar sem um da gente não, vocês não sabem a malícia da rua. Tem muita gente do bem mas tem gente do mal também.

São situações que a cada encontro temos que saber lidar, pois é um público muito delicado. Ao mesmo tempo temos o entrevistado número 4, mulher preta de 36 anos, que fala sobre sua realidade e esperança:

Conheço bem a realidade das ruas, cresci na rua do Imperador, aqui em Santo Antônio, com meus 12 irmãos. Ganhei a liberdade no ano passado e passei a viver na casa da minha sobrinha, mas há dois meses tive o auxílio

aluguel cortado e voltei à rua. Sobrevivo apenas com R\$400 do Auxílio Brasil. Estar na rua é só a misericórdia. Agradeço minha vida e por ter saúde, e também tenho esperança que venha algo bom pela frente. Está difícil até encontrar serviço. Sofro de violência doméstica, minhas coisas todas quebradas pelo infeliz(ex-companheiro) e agora vou dormir em uma tábua dura e desconfortável sabe-se lá por quanto tempo. Graças a Deus não tenho filhos. Imagine viver com eles nesse lugar? Mas sigo acreditando que tudo vai melhorar.

Sabendo que a maioria das pessoas que vivem em situação de rua é em sua grande quantidade negra, trago uma a fala de Nilma gomes: “As suas reivindicações assumem caráter muito mais profundo: indagam o Estado, a esquerda brasileira e os movimentos sociais sobre o seu posicionamento neutro e omisso diante da centralidade da raça na formação do país.” (GOMES; NILMA,2 011, p.3).

Todavia é fundamental nós lutarmos pelos nossos direitos de fala, pelo posicionamento das autoridades diante de todo esse esquecimento para com essa população.

3.2 Dança Que Tem Cor

A Oficina *Dança que Tem Cor* trouxe princípios de iniciação à consciência corporal, trouxe essa percepção com seu próprio corpo. O pensamento da oficina se deu através de movimentos de criação simples, que foi o ouvir, o contato visual e de como elas faziam as movimentações chegarem no seu corpo. Foi uma experiência linda e bem assertiva. Para elas, a proposta foi como voltar ao passado, e essa descoberta aconteceu de uma forma que elas jamais poderiam imaginar, que de alguma forma pudessem acessar lugares como acessaram na oficina no projeto Aurora Estrela e sendo elas o público alvo.

A escolha do nome da oficina “Dança que tem cor” tem uma relação direta com o trabalho com Artes Visuais desenvolvido pelo Aurora de Estrela, buscando ligar as atividades que o Aurora já vinha fazendo e trazendo as cores primárias para trabalhar juntamente com a dança. A oficina teve a quantidade de 4 mulheres - duas mulheres que estavam em situação de rua e duas voluntárias, sendo a oficina desenvolvida no ateliê que fica no antigo Liceu de Artes e Ofício no Centro do Recife, onde acontecem as atividades do projeto.

Iniciei falando que não precisavam ter vergonha, que somos todas iguais e que não precisa ter medo de se soltar, ou vergonha de se mover, era só deixar o corpo fluir. Seguimos com um alongamento, acompanhado de trilha sonora, logo depois fizemos um círculo, para se apresentar com as movimentações do seu corpo, fazendo elas pensarem em como poderiam se apresentar com o corpo sem falar nada. Fiquei bem impressionada, pois foi um momento onde vi elas criarem através das suas particularidades. Em seguida começamos a atividade, levei três folhas cada uma com nome de uma cor, utilizando as cores primárias (azul, verde e vermelho) como inspiração para a atividade.

O intuito das cores era para facilitar, fixar o que estava pedindo na atividade, cada uma escolheu uma cor e através dessa cor fizeram um movimento, de modo que todas passaram pelas três cores, construindo uma sequência de três movimentações. Logo após perguntei como poderia ficar mais fluida a movimentação que elas criaram, e foram me mostrando, daí pedi para colocarem na música e se poderiam me mostrar e foi muito lindo vê-las se permitindo.

Era perceptível que nas movimentações delas traziam um pouco da sua realidade, como ficar parada por uns instantes, como se tivesse com vergonha de alguém rir ou algo do tipo, inclusive eu até falei “se eu soubesse que só era vocês teria ido para praça só assim mais gente participava, e uma delas falou *“oxe, ninguém iria fazer todo mundo olhando”* e ainda complementou: *“Eu seria uma delas, ainda bem que tá sendo aqui pois amo dançar. mas logo chamei atenção para elas continuarem fazendo suas criações”*³

Depois pedi para fazer duplas, e as duplas trocaram e misturaram suas movimentações com sua parceira e foi muito lindo essa troca, depois eu passei minha sequência para elas e pegaram super rápido, lembrando que as movimentações delas foram exploradas no tempo rápido, médio e lento, fazendo elas entenderem que podemos fazer a movimentação de variadas formas. Finalizei com um momento de relaxamento e logo depois fizemos um momento de partilha sobre as impressões que elas tiveram, se gostaram e o que poderia melhorar. A oficina teve duração de 1 hora de duração, buscando respeitar o processo de cada uma e foram todas participantes mulheres.

³ Falas de uma participante da oficina.

Figura 6 - Oficina de Dança



Fonte: autoria própria

Número 4, mulher preta de 36 anos, que se encontra em situação de rua fala: Fiquei muito tocada com o que você foi falando para a gente não ficar perdida ou com vergonha, retornei na minha infância, é muito lindo a forma que você deu a oficina, buscando trazer um pouco das nossas vivências e mostrando o quanto é importante a gente se mover e saber que qualquer gesto é dança. A gente que vive na rua, não tem tempo para dançar, estamos sempre preocupados em sobreviver, mas hoje lembrei o quanto gosto de dançar, amo dançar um coco, poderia ser a próxima oficina sua. Seu alongamento e sua massagem no final ajudaram um pouco minha coluna a parar de doer, isso nunca aconteceu, até meu cachorro dançou, foi muito bom, nota 10. Obrigada por hoje!

E falei para ela que é muito importante a partilha dela para mim, pois meu objetivo foi alcançado antes mesmo de pensar na oficina, fazer com elas, por um momento, tirassem o pensamento da rua, tendo um olhar para com seu corpo, suas movimentações e perceber que qualquer pessoa pode dançar, foi muito lindo.

Número 5, mulher preta de 43 anos, que se encontra em situação de rua fala: Nita já falou tudo por mim, eu amei e você foi bem divertida não obrigou a gente a fazer nada, deixou a gente livre e foi isso, eu amei mesmo. Sugestão que dou é que antes das atividades do aurora você faça esse alongamento, acho importante até para as outras atividades fluem bem.

E Mari que é voluntária do projeto vem complementar:

Mari, 27 anos, fiquei pensando em várias possibilidades que tu poderia ter feito mais, e só o que tu trouxe já deu para a gente aproveitar bastante, no início de falarmos nosso nome com o corpo, depois a dinâmica sozinha com as três movimentações em tempos diferentes, depois em dupla, depois no tempo rápido, médio e lento, depois tu trás o que criou, para a gente sentir no nosso corpo. Vai além demais pois eu que não sou da área da dança jamais imaginei que um balanço da sua infância poderia ser mostrado no corpo, muito interessante e desafiador também. A massagem deliciosa, para mim se acrescentou demais, foi lindo, e acho super válido o que Ju falou sobre o alongamento antes das outras atividades do Aurora.

Agradei pela fala de cada uma, e não vou mentir que esperava mais pessoas, até brinquei “Oficina do empoderamento feminino” e uma delas falou foi bom pois se tivesse homem eu também não iria me sentir confortável, e acredito que poderia ter acontecido, de fato, era para acontecer com elas e foi lindo ver a entrega no mover. Saí muito feliz dessa oficina, a sensação de ter alcançado os objetivos, de ter me aproximado ainda mais delas, de entender que o corpo tem sua potência independente de onde ele estiver e apesar da situação de rua. Foi uma troca linda sobre histórias, corpo e vivências. Trazendo todo esse diálogo me deparei com essa fala de Cláudio Lacerda (2018):

Experimentar o corpo a partir da ‘perspectiva corporal’ constitui um exercício de autoconhecimento e foi essa a bagagem que eu formei a partir dessas explorações. Quanto mais se passa por essas explorações, mais se tem a chance de desvincular o próprio corpo de seus condicionamentos cotidianos e de técnicas corporais, incluindo de dança, e descobrir as potencialidades e possibilidades de conexões que se pode fazer e a chance de conhecer como o próprio corpo reage a essas explorações. Contudo, o autoconhecimento corporal não se dá de uma vez por todas. Pelo contrário, continua pelo resto da vida, pois nosso corpo vai se modificando, não permanecemos os(as) mesmos(as) a cada dia e a relação entre corpo e ambiente também promove mudanças em ambas esferas. (LACERDA, 2018, p.72).

Isso nos faz compreender que através da dança o indivíduo é capaz de demonstrar aquilo que ele pensa, que ele entende, ou seja, ele é capaz de demonstrar os seus conhecimentos e habilidades de maneira mais transparente possível, ele se expõe por completo. Tendo esse pensamento vemos que a dança traz benefícios para essa população, melhora a autoestima, passando pelo combate ao estresse, depressão, e os faz até retornar a vivências e experiências passadas.

Nesse olhar, é papel dos órgãos públicos realizarem a mediação de conhecimento, ou seja, precisam criar meios para que as Artes sejam garantidas

como direito fundamental a todas as pessoas. A dança para as pessoas em situação de rua possibilita as potencialidades criativas desses sujeitos, de maneira que eles tenham consciência dos seus próprios corpos, na medida em que favorece a criatividade, que os retornam nas suas lembranças, vem trazer sua esperança de sair das ruas, dessa situação. Lembro de um trecho que vi no site Brasil Escola que reforça exatamente essa discussão, Isabel Marques diz o seguinte:

Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento (MARQUES, 2003)⁴

Desta forma, os profissionais da dança devem estar sensíveis aos valores e vivências corporais que o indivíduo traz consigo, permitindo que os conteúdos trabalhados se tornem mais potentes tanto na educação básica, quanto para formação de pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade. Visto que através da educação e que a dança possibilita a formação de cidadãos com uma visão mais crítica autônoma e participativa desta sociedade em que vivemos.

Precisamos pensar na dança no contexto sociocultural, tendo como prioridade os processos dessas pessoas que se encontram em situação de rua, compreendendo e respeitando a importância de uma prática que entenda o corpo e a liberdade de expressão deles. Deste modo, através da dança, podemos introduzir diálogos que incluam suas perspectivas de vida, momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não) e, assim, poderemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação desse público. De acordo com (BRASIL ESCOLA, p.31 *apud* Freinet, 1991):

Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes.

Vindo desse pensamento acredito que o professor tem que vim de um recurso que busque ser capaz de enriquecer e tornar de fácil o acesso a aprendizagem do

⁴ Texto retirado no site Brasil escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com>> Acesso em: 29.Abr.2022.

outro, estimulando a forma livre e prazerosa, uma relação corpo e mente. Marques (1990) vem nos falar dessa pouca compreensão da dança em diversos lugares.

A ignorância daquilo que pode ser considerado dança, a falta de visão de que a dança não é necessariamente algo acadêmica, a falta de experiência das pessoas no que diz respeito à dança, uma concepção restrita de educação e, também, a dificuldade de lidar com o corpo durante tantos séculos condenado ao profano e ao pecado". (MARQUES, 1990, n.p).

Compreendemos que a dança está em variados espaços, porém com muita dificuldade. Nessa perspectiva, podemos dizer que o ensino da dança tem sido ministrado sem nenhuma preocupação com relação ao seu real papel, falta conhecimento das pessoas no que diz respeito à dança, falta uma proposta pedagógica adequada para que todos tenham consciência sobre o quanto a dança é importante para qualquer indivíduo, sendo meio até para sair de uma situação de vulnerabilidade.

Eu sou uma dessas pessoas que não tive oportunidade de estudar dança na escola e muito menos tive a disciplina de artes, mas através do meu esforço, estudo dança e busco através dela ajudar outras pessoas a saírem das ruas e voltarem a acreditar em si, como aconteceu comigo.

Portanto, considerando que a dança deve estimular a criatividade na conquista de sua autonomia, as experiências com o corpo dançante devem fazer parte da prática pedagógica. É importante reafirmar que combinar interesses e desafios corporais num ambiente social entre pessoas em situação de rua, fazem da dança referencial para o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente memorial nos proporcionou realizar uma reflexão sobre a população em situação de rua por meio de atividades artísticas com a linguagem da dança. Para

que de fato a mudança venha acontecer se faz necessário realizar projetos que venham valorizar a cultura no âmbito social, cujo foco seja as pessoas em situação de rua, projetos que garantam o acesso às artes como Direito.

Em Recife, há uma ausência de projetos voltados para esta população. A implantação de projetos voltados para a população visando tirar elas das ruas traria uma qualidade de vida, esperança para o crescimento profissional e perspectiva de um dia saírem das ruas. Portanto, este trabalho teve como objetivo mostrar a importância que atividades culturais e educacionais da dança, através do projeto Aurora Estrela, podem trazer para o crescimento sociocultural das pessoas que se encontram em situação de rua, e nos mostra como a arte muda a vida.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. Das Danças Rituais ao Ballet Clássico. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, jan-jun. 2009.

BAPTISTA, L. A. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

BRASIL. **Lei Nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991**. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%208.313-1991?OpenDocument. Acesso em: 12 mai. 2022.

_____. **Resolução Nº 40, De 13 de Outubro de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-40-de-13-de-outubro-de-2020-286409284>. Acesso em: 03 mai. 2022.

_____. **sobre o curso**. Curso de Dança - Licenciatura (CAC). Disponível em: <https://www.ufpe.br/danca-licenciatura-cac>. Acesso em: 15 mai. 2022.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 mai. 2022.

SALATA, André R., RIBEIRO, Marcelo GOMES. **Boletim Desigualdade nas Metrôpoles**. Porto Alegre/RS, n. 04, 2021.

ESCOLA, Brasil. **A Importância da Dança no Processo Ensino Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FARO, A. J. **Pequena História da Dança** (4ª ed.). Rio de Janeiro. 1998.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FONSECA, C.C ; Vecchi, R.L. e Gama E.F. **A influência da dança de salão na percepção corporal**. Motriz, Rio Claro, v.18 n.1, p.200-207, jan./mar. 2012.

GOMES, Nilma LINO. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE** – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011.

HELENA, Vanessa; DORNELES, MARLINI; HENRIQUE, JOSÉ; MARIANO, JULIA. Dança como possibilidade de educação para direitos humanos: entendendo, discutindo e encenando o Holocausto. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, (São Paulo) 2021.

LOPES, M. C. **Como surgiu a dança**: origem [Blog]. 22 out. 2018. Disponível em: <https://www.mariacristinalopes.com/como-surgiu-a-dan-a-no-mundo.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

LACERDA, C. **Contra Espaços entre Dança e Arquitetura**: Uma Perspectiva Cronológica da Obra de Zaha Hadid. 2018. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas) -Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro e Escola de Dança. Salvador, 2018. 396 f.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Artes. Ministério da Educação e do Desporto. / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

MARQUES, IA **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, I. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Dança: Trabalhando com os Temas Transversais. **Revista Ensino de Arte**, no.2, ano I, 1998.

MORAES, Katarina. O rosto e a história de quem vive em condições sub-humanas no Recife, metrópole onde os pobres são os mais pobres do Brasil. **JC Online**. Disponível em : <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/04/14990233-o-rosto-e-a-historia-de-quem-vive-em-condicoes-sub-humanas-no-recife-metropole-onde-os-pobres-sao-mais-pobres-do-brasil.html#:~:text=O%20boletim%20mostra%20que%20na,no%20quarto%20trimestre%20de%202021>. Acesso: 10 mai. 2022.

SANTOS, José Luiz DOS. **O que é cultura**. 16ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1996.

PRÉ-História. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=TWbBYtWowaE>. Acesso em: 10 abr. 2022

SANTOS, N. A. ZANELLA, A. V. Arte, corpo, cidade: sobre elefantes e pessoas em situação de rua. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 41, 1-13. 2021.

SHIMIZU, Cristina Mayumi VELUCCI. O ensino da dança: reflexões para construção de uma pedagogia emancipatória. Trabalho apresentado para a sessão temática do

VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais: a questão do novo milênio.
Coimbra, 2004.

